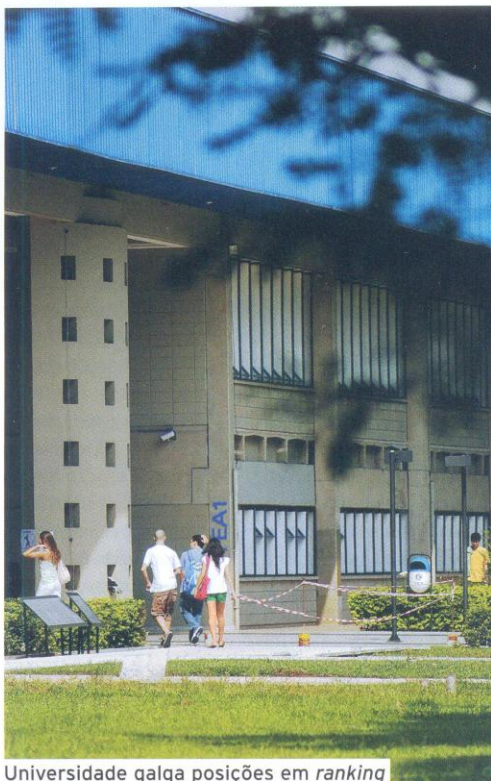


>> ESTRATÉGIAS BRASIL

A Universidade de São Paulo (USP) foi considerada a 87ª melhor do mundo pelo *ranking* Webometrics, criado pelo Conselho Nacional de Pesquisa da Espanha (CSIC). O *ranking* mede a qualidade e a transparência das instituições, pois avalia os conteúdos disponibilizados na *web*, especialmente os relacionados à geração de conhecimento científico. Das 500 instituições citadas, a USP registrou o crescimento de 26 posições em relação à lista divulgada em julho de 2008 e está classificada em primeiro lugar entre as universidades brasileiras. A pró-reitora de Pesquisa da USP, Mayana Zatz, ressalta que a *performance* está relacionada ao crescimento de diversos indicadores da instituição. O número de artigos científicos de pesquisadores da USP publicados no banco de dados *Web of Science* subiu de 17.419, no quadriênio de 2001 a 2004, para 23.679, no período de 2005 a 2008. No mesmo período, o número de citações aumentou de 53.804 para 83.861 e o índice médio de impacto dos artigos subiu de 3,09 para 3,54. O grau de internacionalização também vem crescendo. Em 2008, a USP recebeu 402 pesquisadores visitantes, ante 188 em 2005. No mesmo período, o contingente de alunos da USP que foram para o exterior registrou aumento de 87,5% na graduação e de 39,2% na pós-graduação. A captação de recursos de fontes externas, como agências e empresas, avançou de R\$ 370 milhões em 2005 para R\$ 628 milhões em 2008. “Essa captação reflete a qualidade da produção científica”, afirma Mayana. Enquanto a produção científica aumentou em 42,3% no período de 2005 a 2008, o número de vagas na graduação cresceu em torno de 7,6%. De acordo com Mayana, os dados contradizem a versão publicada na imprensa segundo a qual o aumento do número de alunos coincidiu com uma queda na produção. “Essa versão se baseou em informações do *Anuário da USP*, sem levar em conta outros bancos de dados”, explica. “Temos potencial para melhorar mas os dados mostram que estamos indo na direção certa”, diz.

O CRESCIMENTO DA USP



Universidade galga posições em *ranking*

> Angola na rota do BioTA

O programa BioTA África, que em 2009 dará início à sua quarta fase, deverá ser estendido para Angola, e pesquisadores ligados ao programa Biota-FAPESP poderão ter um papel central na articulação necessária para essa integração. Em janeiro, Marcos Aidar, pesquisador do Instituto de Botânica de São Paulo, representou o Biota-FAPESP em uma expedição a Angola, cujo objetivo foi treinar alunos

da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, para iniciar o levantamento da biodiversidade em território angolano. De acordo com Aidar, a expedição, que também incluiu a Namíbia, teve a participação de pesquisadores do Instituto Nacional da Biodiversidade da África do Sul (Sanbi, na sigla em inglês), da Escola Politécnica da Namíbia e do BioTA África. O BioTA África, apoiado pelo Ministério da Educação e da Pesquisa da Alemanha (BMBF, na sigla em inglês), reúne mais de 400 pesquisadores de instituições africanas e alemãs que atuam numa rede multidisciplinar, em atividades espalhadas pelo continente. Na região meridional, o programa atuava, até agora, na África do Sul e na Namíbia. A inclusão de Angola no BioTA África foi priorizada porque o conhecimento sobre a biodiversidade local é precário, principalmente em decorrência dos 40 anos de guerra civil que devastaram o país. “Além de transmitir parte da experiência acumulada pelo Biota-FAPESP, também queremos entrar no processo de extensão do programa africano a Angola, participando da articulação entre alemães, sul-africanos e angolanos”, afirmou Aidar à Agência FAPESP.